O que revelam os textos espontâneos e um ditado com palavras inventadas sobre a grafia das consoantes róticas

Pâmela Renata Machado Araújo (UFPel-PIBIC)
Mirian Alvaro Costa Garcia (UFPel-FAPERGS)
Ana Ruth Moresco Miranda (UFPel- PPGE)

Introdução

Este trabalho trata da grafia das consoantes róticas verificadas em dados de escrita de crianças que estão adquirindo o sistema ortográfico do português brasileiro. São chamados róticos todos os sons de 'r' que, por terem padrão fonológico comum com as laterais, constituem com elas a classe das líquidas. No processo de aquisição fonológica, o 'r-fraco' e o 'r-forte' são as consoantes de domínio mais tardio (cf. Matzenauer-Hernandorena 1990 e Miranda, 1996). De acordo com o estudo de Miranda (op. cit.), a aquisição do 'r' por crianças brasileiras, especialmente no caso do 'r-fraco', está condicionada à aquisição de estruturas silábicas, sendo que essa consoante se estabiliza no sistema das crianças por volta dos três anos e oito meses. Já o 'r-forte'[1] está adquirido a partir dos dois anos e seis meses, provavelmente por suas características articulatórias e distribucionais.

No sistema fonológico do português, 'r-fraco' e 'r-forte' têm distribuição um pouco distinta. O primeiro pode ocupar todas as posições silábicas, exceto a de núcleo, enquanto o último, apenas posição de onset, conforme podemos verificar no quadro ilustrativo apresentado a seguir:

---

[1] Com relação à articulação desse segmento, deve-se salientar que no dialeto estudado o 'r-forte' é produzido pelas crianças como uma fricativa velar.

	posição silábica	exemplo
‘r-fraco’	Onset simples medial Onset complexo Coda medial Coda final	‘caro’ ‘prato’ ‘porta’ ‘flor’
‘r-forte’	Onset inicial Onset medial	‘rosa’ ‘carro’

Se o processo de aquisição fonológica das róticas é complexo às crianças, o mesmo não se verifica no processo de aquisição da escrita. Isso porque para a grafia das róticas, conforme definido pelo sistema ortográfico, há correspondência biunívoca entre fonema e grafema no caso do ‘r-fraco’, ou seja, ele sempre será grafado com um ‘r’; e obediência à regra contextual no caso do ‘r-forte’, isto é, ‘rr’ somente em contexto intervocálico e ‘r’ em início de palavra ou depois de consoante dentro da palavra.

Segundo Miranda (2005), uma regra contextual se caracteriza pelo fato de ser possível determinar o princípio gerativo que justifica o uso de certo grafema em decorrência da análise do contexto em que ele se encontra na palavra e/ou sílaba. O caso da grafia do ‘r-forte’ é um exemplo claro de regra contextual, pois somente o contexto intervocálico exige a presença do dígrafo, sendo que nos demais contextos serão utilizados sempre apenas um ‘r’.

A fim de verificar o que fazem as crianças quando começam a adquirir a escrita, especificamente em relação à regra contextual, definiram-se para este estudo, os seguintes objetivos: analisar, em dados de escrita espontânea e também em dados resultantes de um ditado com palavras inventadas, indícios de aquisição da regra contextual para a grafia do ‘r-forte’; e refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem das regras ortográficas contextuais.

Metodologia

Para esse estudo foram utilizadas duas amostras: uma constituída de dados extraídos de textos espontâneos e outra de grafias de palavras desconhecidas ou inventadas. Para a primeira amostra, partiu-se da análise de, aproximadamente, 2000 textos espontâneos pertencentes ao Banco de Textos de Aquisição e da escrita da Faculdade de Educação da UFPel. Esses textos foram produzidos por crianças que cursavam à época das coletas uma das quatro primeiras séries do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Pelotas-RS, uma pública e outra particular. Uma análise prévia dos dados mostrou que, em geral, não havia problemas para a grafia do 'r-fraco', provavelmente por tratar-se de um caso de relação biunívoca entre sistema fonológico e ortográfico. Os erros encontrados, na grande maioria das vezes, têm a ver com a grafia do 'r-forte'. Assim, foram extraídas para a análise, todas as palavras que continham esse segmento (1818 palavras nos textos da Escola Pública e 1342 nos da Escola Particular).

As palavras foram organizadas em tabelas de acordo com a posição silábica e foram computadas todas as ocorrências, tanto as grafias que estavam em acordo com a norma como aquelas que estavam em desacordo. O quadro a seguir exemplifica o procedimento adotado para o levantamento dos dados:

posição na palavra	exemplo
V_V	'carro'
#_	'rato'
C$_V	'honra'

A segunda amostra é composta por dados obtidos a partir de um ditado preparado especialmente para este estudo. O ditado contém algumas palavras inventadas e outras desconhecidas das crianças. Essas palavras apresentam os contextos possíveis para a grafia do 'r-forte', conforme se pode observar nos exemplos a seguir: contexto

intervocálico - ‘mirro’, ‘beforre’, ‘pirrate’, ‘ferrete’; contexto pós-consonantal - ‘melro’, ‘panro’, ‘esrético’; onset inicial -‘renco’, ‘rotunda’.

Com esse ditado buscou-se obter dados que permitissem a análise do domínio da regra por parte da criança, em outras palavras, procurou-se observar se a criança, ao grafar o ‘r-forte’, estaria realmente observando o contexto da palavra no momento em que opta por uma grafia ou outra, isto é, ‘r’ ou ‘rr’.

Resultados

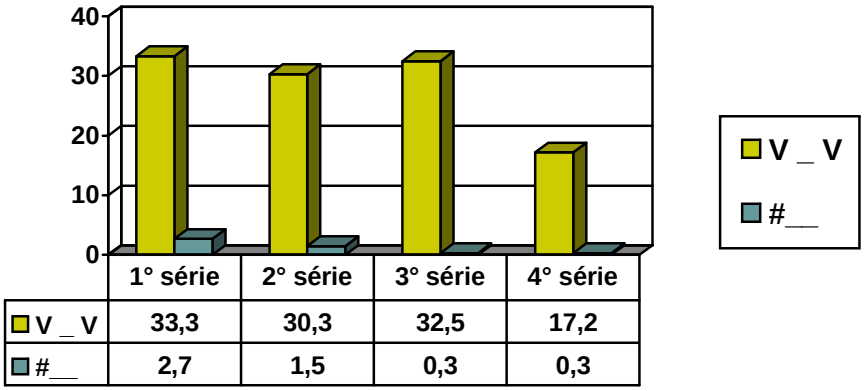
Nessa seção serão apresentados os resultados relativos à computação dos erros e acertos encontrados nos dados de cada uma das escolas e, após, os resultados do ditado aplicado às crianças da escola pública[2].

O primeiro gráfico apresentado traz os resultados obtidos a partir da computação de dados da escola pública, considerando-se o percentual de erros encontrados em cada uma das quatro séries e em cada um dos contextos nos quais a rótica deveria ter sido grafada. É importante observar que, nos dados de escrita espontânea, os dados referentes à grafia de ‘r-forte’ em contexto pós-consonantal são raros, o que provavelmente reflete a sua distribuição no léxico do português, por isso não estão computados nos gráficos que serão apresentados (18 casos na escola pública e 10 na particular).

[2] O ditado foi aplicado somente às crianças da escola pública porque pretendíamos obter maiores subsídios para a interpretação dos resultados que vinham sendo obtidos a partir da análise dos textos espontâneos, os quais estão expressos no Gráfico 1.

Gráfico 1

Distribuição de erros na grafia de 'r-forte' nos dados da escola pública de acordo com a série

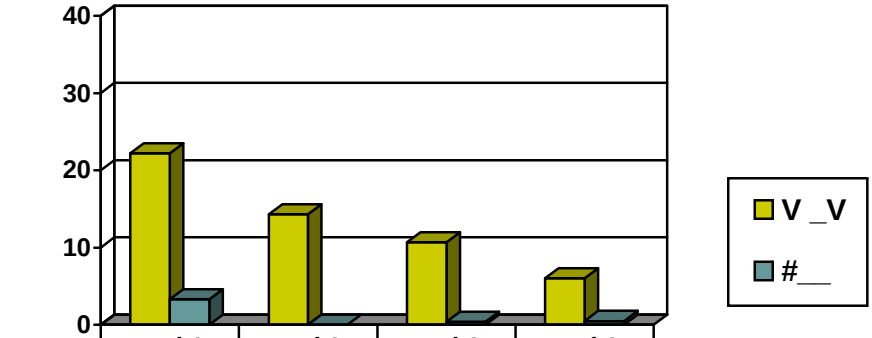


	1° série	2° série	3° série	4° série
V _ V	33,3	30,3	32,5	17,2
#__	2,7	1,5	0,3	0,3

Conforme se pode observar, o contexto em que o número de erros é mais expressivo é o intervocálico, em torno dos 30 por cento. Em início de palavra, os erros são muito escassos, não chegando a quatro por cento na primeira série. Interessante observar, no entanto, que há uma estabilização dos índices de erros da primeira até a terceira série.

Gráfico 2

Distribuição de erros na grafia do 'r-forte' nos dados da escola particular de acordo com a série



	1° série	2° série	3° série	4° série
V _V	22,2	14,3	10,7	6,04
#__	3,3	0	0,4	0,5

Nos resultados encontrados na escola particular, pode-se verificar que os índices, que na primeira série giram em torno de 20 por cento, vão gradativamente baixando seus valores conforme o avanço das séries. Se compararmos os dois gráficos, veremos que, embora em ambas as escolas o contexto intervocálico seja aquele que apresenta maiores índices de erros, a queda dos índices verificada na escola particular e interpretada como aquisição da regra contextual não se verifica na escola pública, já que os percentuais se mantêm praticamente inalterados da 1ª até a 3ª série, apresentando queda significativa somente na 4ª série.

Quanto ao 'r-forte' no início de palavras, verificou-se que o número de erros é pouco significativo e tende a diminuir gradativamente em ambas as escolas. As ocorrências encontradas relativas ao contexto de início de sílaba dentro da palavra seguindo uma coda não foram computadas no gráfico, pois o número de casos encontrado é bastante reduzido (18 casos na escola pública e 10 na particular), o que reflete a distribuição desse som nessa posição no léxico do português.

Os resultados obtidos a partir da análise dos dados referentes ao ditado aplicado às crianças da escola pública podem ser conferidos na tabela a seguir:

Tabela 1

Resultados do ditado com palavras inventadas para verificação da grafia do 'r-forte'

	#_	V_V	C$_V
1ªsérie	13%	74%	83%
2ªsérie	10%	31%	78%
3ªsérie	11%	11%	84%
4ªsérie	17%	11%	92%

O ditado foi realizado na escola pública com as séries iniciais, a fim de que se pudesse verificar se os índices expressos no Gráfico 1 eram realmente representativos. Os resultados apresentados no Gráfico 1 sugerem que a regra contextual para a grafia do ‘r’ intervocálico na escola pública não está sendo gradativamente adquirida. No quadro acima, porém, observamos que os índices referentes à grafia do ‘r-forte’ intervocálico indicam o contrário, isto é, parece que as crianças apresentam uma curva descendente semelhante àquela observada no Gráfico 2, relativo aos dados da escola particular.

Os resultados do ditado, no entanto, trazem uma nova informação que merece ser analisada: os altos índices de erros obtidos nas grafias do ‘r’ pós-consonantal, contexto que não pôde ver analisado nos gráficos, devido ao número reduzido de ocorrências encontrado nos textos espontâneos. Esses percentuais revelam que as crianças não adquiriram a regra contextual que proíbe o uso de dígrafos após sílabas com codas. Podemos interpretar os índices elevados de erros no contexto pós-consonantal como o indício de que as crianças não estão considerando o contexto para a aplicação da regra ortográfica para uso do dígrafo, mas estão sim estabelecendo uma relação biunívoca (som-letra), ou seja, sempre que estiver dentro da palavra o ‘r-forte’ será grafado com dois ‘r’s. Esse dado só pôde ser observado graças ao uso de um instrumento como o ditado de palavras inventadas. Tal procedimento, além de eliminar a interferência da memória visual na hora da grafia, cria contextos para a aplicação da regra, os quais, por uma questão de freqüência, são raros na língua e por isso difíceis de serem encontrados na produção escrita espontânea.

Varella (2001), ao estudar as produções de 64 crianças das séries iniciais e 10 alunos do MOVA de Porto Alegre, encontrou resultados um pouco diferente daqueles por nós apresentados. Nos dados da autora, não foram encontradas ocorrências de erros na grafia do ‘r-forte’ nas posições de início de sílaba e início de palavra (ISIP),

enquanto nos nossos ocorrem erros, ainda que os índices sejam bastante baixos (cf. Gráficos 1 e 2). No início de sílaba dentro da palavra (ISDP) ou no contexto intervocálico, posição em que encontramos uma diminuição gradual dos erros, Varella encontrou não só uma maior quantidade, como uma manutenção de índices altos ao longo das séries analisadas, o que denota que a regra contextual não está adquirida (50% na 1ª série, 68% na 2ª, 24% na 3ª e 36% na 4ª).

Considerações finais

Buscamos, a partir desse breve estudo, verificar o tipo de grafia utilizada pela criança para a grafia do 'r-forte', observando como ocorre a aquisição da regra contextual para essa grafia. Percebemos em nossos dados que essa regra contextual não é de difícil domínio, uma vez que há uma diminuição significativa do número de erros ortográficos à medida que as crianças avançam no processo de escolarização.

Enfatizamos, no entanto, que é necessário criar um ambiente propício em sala de aula para que as crianças possam refletir sobre a estruturação do sistema ortográfico e possam, assim, construir o conhecimento referente às regras ortográficas condicionadas pelo contexto. Cabe ao professor proporcionar o desequilíbrio cognitivo, no sentido piagetiano da expressão, lançando mão de situações em que os questionamentos em relação à ortografia possam ser transformados em momentos de construção e reflexão sobre a escrita, possibilitado desse modo a reflexão sobre as regras ortográficas e um maior controle cognitivo que, certamente, levará a um melhor desempenho dos alunos.

Referências bibliográficas

MATZENAUER-HERNANDORENA, Carmen Lúcia. *Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. Porto Alegre: PUCRS, 1990. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, 1990.

MIRANDA, Ana Ruth. *A aquisição do "r": uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. Diss. (Mestrado em Letras). Porto Alegre - PUCRS, 1996.

MIRANDA, Ana Ruth M. MEDINA, Sabrina Z. SILVA, Michelle R. da. O Sistema Ortográfico do Português Brasileiro e sua Aquisição. Linguagem e Cidadania. Revista Eletrônica, UFSM. julho/dezembro, 2005; edição nº 14.

VARELLA, Noely Klein. Aquisição do ‘r-forte’e do ‘r-fraco’ (líquidas não-laterais) na linguagem escrita. Letras de Hoje. Porto Alegre, 2001, v. 36, nº 3.